

DNOTICIAS.pt - Serviço de documentação e impressão

Ricardo Fabrício, Professor Universitário

[O fim do pessimismo](#)

Não é de estranhar que dentro de dias a verborreia do costume (...) possa teimar em afastar-nos ainda mais do essencial.

Data: 10-02-2010

O final da última semana foi revelador: da vulnerabilidade económica do país e da mediocridade das opções que ao longo dos anos o conduziram a tal estado. Com o prazo de carência esgotado, segue-se a operação de pagamento dessas opções, que se vislumbra lenta e dolorosa, ao longo dos próximos anos.

Partindo do pressuposto que vamos ter (mesmo) que pagar a conta das nossas opções passadas, compulsivamente ou solidariamente, convém que o façamos com alguma dignidade e sentido de justiça, reconhecendo ao menos que os repetidos avisos dos pessimistas, tantas vezes alvos fáceis e preferenciais da troça dos optimistas, tinham afinal a sua razão de ser. Podemos constatar que o pessimismo concretizou-se em realismo, a não ser que optemos por continuar em transe e a crer que a situação actual -como a experienciada na 5ª e 6ª feira passadas- não passa de um pesadelo colectivo, da exclusiva responsabilidade dos pessimistas, a que o despertador do optimismo irá colocar em breve um ponto final. Era muito bom que assim fosse, só que a realidade tornou-se indisfarçável... e o despertador não toca. Acabou-se o pessimismo e a partir de agora tudo será bem real.

Num momento tão crítico para a vida nacional, porventura, o mais fácil será continuar a insistir na negação das evidências e a alimentar um fenómeno colateral a que nos habituámos: a lamentação em função de responsabilidades externas. Não é de estranhar, pois, que dentro de dias a verborreia do costume, a pretensa arte de resolver sem agir, em suma, a não introdução de alterações substanciais possa teimar em afastar-nos ainda mais do essencial. E o essencial neste momento -a via para a resolução- passa em primeiro lugar pela aceitação do lamaçal em que nos atascámos; e de seguida pelo contributo individual expandido para de lá sairmos. Urge uma mobilização individual coerente com as dificuldades da situação, no fundo, com o exercício de uma cidadania resiliente, mas cada vez mais exigente, comprometida e disponível para a resolução dos problemas colectivos.

Sou dos que acredita que a insistência na politização de um cenário socioeconómico agreste não é suficiente para alcançar uma inflexão. Não creio que a solução esteja nas mãos de quem gerou o problema, mas vejo um perigo poderoso e habilidoso à espreita: a propensão para que a sociedade opte pela sua habitual reificação e consequente desmobilização, refutando o rumo que escolheu e tomou.

Fazer de conta que o resultado das nossas acções é uma consequência de actos que não nos pertencem, encaixa como uma luva no modo de vida moderno e hedonista. Logo, o mais provável é que a sociedade, no fogo da sua (in)competência cívica, se sinta atraída pelas manobras e os discursos tradicionais: imole os políticos, os empresários, os sindicatos e, principalmente, a Administração Pública, na qualidade de abstracção de grande utilidade, a que recorre quando é necessário recrutar um bom "bode expiatório útil". Só que não me parece adequado que se utilize, face ao contexto, o mecanismo habitual de expiação da responsabilidade individual.

É tão fácil imolar simbolicamente todos os agentes participantes no baque, desde que agrupados, visto que tal simultaneamente desresponsabiliza-nos a todos individualmente. Assim, omite-se o desleixo individual, permite-se a negligência astuta, branqueia-se a conivência pessoal, diluem-se os egos e as consequências da ausência de rigor ou de compromisso para com o todo. Este processo perpetua o "mais ou menos" comportamental dominante e conforta-nos. Embala-nos. Mas será que podemos persistir nesta abordagem? Será que não queremos mesmo perceber as conseqüências potenciais da nossa desmobilização? Que cada um faça a retrospectiva criteriosa que a situação impõe e refugie-se (in)comodamente onde a sua liberdade individual permitir.